

Não estamos totalmente de acordo com Waldemar Valente quando disse que seu livro fora norteado por um "enfoque objetivamente antropológico" (p. 147). O fato de ter privilegiado técnicas quantitativas e ter dado um tratamento predominantemente estatístico às suas análises, faz com que este livro se aproxime mais da abordagem de tipo sociológico do que propriamente dito antropológico. Se além das 39 tabelas e de tantos outros percentuais encontrados neste volume o Autor tivesse igualmente realizado e reproduzido algumas *histórias de vida* (esta sim, uma técnica antropológica por excelência), então sua pretensão de ter empregado um enfoque antropológico estaria mais coerente.

Embora tratando de uma problemática importante, o Autor deixou de aprofundar certos aspectos cruciais da organização sócio-econômica desta comunidade nordestina, tornando conseqüentemente sua descrição fragmentária e imprecisa. Embora tivesse dito nos prolegômenos da obra que perseguiria sobretudo "as peculiaridades ergo-econômicas" de Serrinha (p. 21), o fato é que as informações que W. Valente presta a respeito da organização econômica e das relações de trabalho são insuficientes para que o leitor visualise estes pobres habitantes de Serrinha na sua busca diária pela subsistência. A própria ordenação dos capítulos — começando pelas características da família — parece-nos inadequada: teria sido mais lógico que fosse oferecido ao leitor, primeiramente, aquelas informações básicas sobre a ecologia de Serrinha, seu habitat, as técnicas agrícolas, as relações de trabalho, as relações da comunidade com a sociedade global, para em seguida entrar em aspectos mais especificamente sócio-antropológicos, como a família, a consciência grupal, a comunicação e interação social etc. Allás, basta que se consulte qualquer um dos clássicos estudos de comunidade para se comprovar a pertinência desta nossa observação.

Malgrado estas ressalvas, não resta dúvida que este livro representa uma séria tentativa de descrever rigorosamente alguns aspectos sócio-culturais de uma comunidade nordestina até então praticamente desconhecida e descuidada pelos estudiosos. Não nos resta senão o louvor ao setor de Arte Gráfica do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais — MEC — pela excelente qualidade desta sua publicação: além de sugestivas e artísticas fotografias comentadas, encontramos ainda um bom sumário, dois índices (um de matérias, o outro onomástico), uma bibliografia cuidadosamente apresentada e, finalmente, a ficha catográfica desta obra.

— LUIZ MOTT.

* * *

REGISTRO BIBLIOGRAFICO

FERES, Nites Therezinha — *Leituras em francês de Mário de Andrade*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1969. 96 págs.

Funda-se este trabalho na exploração parcial dos resultados de uma pesquisa feita nas anotações marginais de Mário de Andrade. Apresentando-o, o Prof. Antônio Cândido, que o orientou como tese de mestrado originalmente apresentada à Universidade de São Paulo, adverte que "o presente estudo mostra como a investigação sistemática das leituras e notas de um escritor podem levar a maior esclarecimento de sua obra". E lembra, a seguir, que se trata de "uma contribuição importante não apenas para o conhecimento do grande escritor paulistano, mas para o alargamento dos tipos de trabalho no setor humanístico em nossa Universidade". — ONM.

LARA, Cecília de — *Nova Cruzada*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1971. 158 págs.

Um dos trabalhos mais importantes que vem sendo realizado pelo Professor José Aderaldo Castello e pela sua equipe de pesquisadores, tanto na Faculdade de Letras, como no Instituto de Estudos Brasileiros, a cuja frente se encontra e cujo setor de publicações dirige, com ele, notável impulso, é a pesquisa em torno de revistas literárias, surgidas do Romantismo para cá, às vezes com duração efêmera, mas sempre constituindo filões magníficos para o conhecimento da mentalidade e das tendências de determinados grupos. Ao prefaciá-lo o primeiro destes trabalhos que adiante se registra —, em torno de *Lanterna Verde*, esboçou o Professor Castello plano de trabalho que, a ser seguido e posto em prática com relações às dezenasete publicações literárias que surgiram pelo País todo, virá contribuir enormemente para o melhor conhecimento de certos aspectos da literatura brasileira, especialmente com relação ao Modernismo, pois a maior parte delas situa-se precisamente nas três primeiras décadas deste século. O presente volume refere-se à revista balana *Nova Cruzada*, publicada em Salvador de 1901 a 1910, mas que, no caso vertente, foi considerada apenas nos seus dois primeiros anos, num total de nove fascículos. "Situada no primeiro quartel do século atual — lembra o Professor Castello — a revista estudada documenta no centro literário de Salvador a faixa de transição que se caracteriza pelas sobrevivências de tendências de fins do século passado, ao lado de preocupações renovadoras, como antecedentes históricos da reformulação ostensiva a partir de 1922". Cumprimentos ao Professor Castello e à sua equipe de pesquisadores, dos quais muito esperam as pesquisas em torno da história literária do Brasil. — ONM.

NAPOLI, Roselli Oliveira de — *Lanterna Verde*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1970. 168 págs.

O que se disse a propósito da monografia de Cecília Lara, que registramos linhas atrás, vale para este belo estudo em torno do grupo da Sociedade Felipe d'Oliveira que, de 1934 a 1938 e depois de 1943 a 1944, editou o boletim *Lanterna Verde*, assim denominado em homenagem ao título da obra principal do poeta, gaúcho de nascimento, mas tão vinculado à vida literária de São Paulo e do Rio de Janeiro. Lembra a autora que "a heterogeneidade dos assuntos abordados em *Lanterna Verde* impediu que aproveitássemos totalmente o material recolhido, tornando-se necessário selecioná-lo em função dos objetivos que nortearam a concepção do trabalho". A registrar, no prefácio a este volume, o plano de trabalho elaborado para pesquisas desta natureza, pelo Professor José Aderaldo Castello e ao qual já se fez referência em nota anterior. — ONM.

* * *

COLEÇÃO "BRASILIANA" — Notícia dos volumes 223, 228 a 230

Vol. 223 — *George Gardner: Viagens pelo Brasil*. Trad. de Albertino Pinheiro. 1942. 468 págs.

Eis outro importante título da literatura dos grandes viajantes estrangeiros do século XIX. George Gardner, botânico inglês (1812-1849) viajou pelo Brasil de

1836 a 1841. Além de numerosas memórias científicas sobre assuntos de sua especialidade, deixou o livro de viagem *Travels in the interior of Brazil*, publicado em Londres, por Reeve Bros., em 1846. Refere-se às províncias do Norte e aos distritos do ouro e dos diamantes. De seu livro, disse um crítico citado por Alfredo de Carvalho: "Tudo o que Gardner observou no decurso de sua imensa peregrinação é digno de curiosidade e prende a atenção; quer relate as suas aventuras no cimo de serras agrestes, ou no seio de matas virgens; quer descreva os singulares costumes das estranhas gentes que all encontrou, ou ainda notando casos de menor monta, citando as enfermidades reinantes, as indústrias populares, as produções naturais do país, tudo o que informa é atraente". Ao que o historiador pernambucano acrescenta: "O próprio autor declara, no prefácio, que não deu à luz a sua obra porque a supuzesse superior às escritas por outros viajantes sobre determinadas zonas do vastíssimo território brasileiro; mas sim porque continha a descrição de uma grande área do país, do qual ainda não havia notícias. Preocupava-o sobretudo o desejo de traçar um quadro tão verdadeiro quanto possível do aspecto físico e dos produtos naturais das regiões percorridas, juntamente com ligeiras observações sobre o caráter, os hábitos e a condição social das diferentes raças indígenas, ou não, de que se compunha a população das províncias visitadas". É importante observar que, dois anos apenas após publicado, seu livro foi traduzido para o alemão (*Reise in Inneren Brasilens*, Leipzig, 1848), levando quase cem anos para ser traduzido para a língua do país nele descrito! Embora tenha falecido muito moço (não alcançou quarenta anos), Gardner deixou valiosa bagagem científica e foi diretor do Jardim Botânico da Ilha de Cellão, onde faleceu. — ONM.

Vol. 228 — *Pedro Calmon: O rei do Brasil: a vida de D. João VI*. Segunda edição, aumentada. 1943. 324 págs.

Com este volume, continua o historiador baiano a série iniciada com "O rei cavaleiro", biografia de Pedro I, à qual já nos referimos. As palavras com que o autor define seu livro, são significativas: D. João "não sal de nosso estudo nem maior nem menor. Limitamo-nos a transformar a sua caricatura deplorável, tão popular nos dois mundos, numa fiel imagem do anafado, esperto e tributado soberano, que reinou até morrer, a despeito de Espanha e França, da mulher endiabrada, de Napoleão, das guerras, das revoluções e das conspiratas, por isso considerado um dos mais hábeis jogadores que outrora jogaram, no tabuleiro da Europa, destino nacionais". A primeira edição desta obra saiu em 1935 pela Editora José Olympio. — ONM.

Vol. 229 — *André Thevet: Singularidades da França Antártica*. Prefácio, tradução e notas de Estevão Pinto. 1944. 502 págs.

Incrível que tivéssemos que esperar quase quatrocentos anos para ter, ao nosso alcance, um dos clássicos da bibliografia estrangeira sobre o Brasil no século XVI. Com efeito, a edição original de *Les Singularitez de la France Antarctique*, foi publicada em Paris, "chez les heritiers de Maurice de la Porte", em 1558. A crítica tem sido muito severa no julgamento dos méritos do livro do famoso companheiro de Villegaignon, talvez porque ele é frequentemente posto em cotejo com o seu compatriota Jean de Léry, que pela mesma época esteve no Brasil e pouco depois publicou seu livro, inegavelmente superior ao de Thevet. Outros escritos do autor tiveram mais divulgação do que as *Singularidades*, tornando André Thevet uma das grandes fontes de informação sobre o Brasil de seu tempo. Seus escritos têm todas

as qualidades e todos os defeitos da literatura de viagem da época. Cumpre, pois, usá-lo convenientemente, tirando dele os elementos que nos parecerem válidos para o conhecimento daquele Brasil que se inclava e que, por muito pouco, deixou de ser francês. A presente tradução é enriquecida de valiosas notas e traz, em apêndice, erudita nota sobre o *pian* (espécie de boubá), da lavra do médico pernambuco Dr. Eustáchio Duarte. — ONM.

Vol. 230 — *Castilhos Goycochêa: Fronteiras e fronteiras*. 1943. 298 págs.

Para a composição deste volume, o autor riograndense, estudioso do assunto sobre o qual muito escreveu, reuniu diversos estudos sobre algumas das principais questões de fronteiras, com a biografia de fronteiras que se notabilizaram nessas questões. Neles "não há defesa de qualquer princípio, doutrina ou credo e nem a preocupação de investir quem quer que seja, homens ou nações de homens; mas, apenas, o ânimo de fazer conhecidos, em minúcias, certos fatos expressivos da história do Brasil e com isso resguardar os nomes de individualidades que se agigantaram na obra portentosa de delimitar as raias políticas do país." Assim se intitulam os capítulos do livro: Fronteiras e fronteiras (nome que se estendeu ao volume); Amapá e Pirara; Território de Palmas; Acre; Chiquitos e Otuquis; O mapa da Linha Verde; Os demarcadores da fronteira do Brasil; O fronteiro-mor do Império; O massacre da Expedição Soares Pinto-Paz Soldan; Barão de Ladário; Javari; O rio martirizante; Barão de Tefé e as nascentes do rio Javari; Plácido de Castro, o pai do Acre; A "descoberta" do Barão do Rio Branco; A ocupação da Ilha Trindade pela Inglaterra. — ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* * *